

Operação Anadyr: as pegadas do urso na América

Operation Anadyr: the bear's footprints in America

Resumo: A crise dos mísseis cubanos, ocorrida há 60 anos, colocou o mundo a um passo de uma guerra nuclear, cujo desfecho contou com a participação direta do Presidente dos Estados Unidos da América (EUA), John Fitzgerald Kennedy, e do Secretário-Geral do Partido Comunista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), Nikita Krushev. A complexa operação de deslocamento estratégico de um contingente soviético com capacidades nucleares estratégicas e táticas para Cuba, o qual recebeu a designação militar de Operação Anadyr, contou com mais de 44 mil militares e demandou cerca de 80 navios para transporte, constituindo a primeira e única vez que um efetivo dessa monta da URSS fosse desdobrado nas Américas, sendo considerado o estopim do conflito. Nesse sentido, a fim de obter um melhor entendimento sobre a crise dos mísseis cubanos e identificar possíveis lições aprendidas para o momento atual, este artigo buscou lembrar os eventos de outubro de 1962, lançando luz sobre aspectos menos conhecidos do processo decisório, da elaboração de estratégias, assim como da preparação, desdobramento e execução da Operação Anadyr, além de buscar identificar ações norte-americanas desenvolvidas para se contrapor às ameaças soviéticas, na forma como foram percebidas à época.

Palavras-chave: história militar; estratégia militar; Crise dos Mísseis Cubanos; ameaças nucleares.

Abstract: The Cuban Missile Crisis, which took place 60 years ago, put the world one step away from a nuclear war, whose outcome included the direct participation of the president of the United States of America (USA), John Fitzgerald Kennedy, and the Secretary General of the Communist Party of the Union of Soviet Socialist Republics (USSR), Nikita Khrushchev. The complex operation for the strategic displacement of a Soviet contingent with strategic and tactical nuclear capabilities to Cuba, which received the military designation of Operation Anadyr, had more than 44 thousand military personnel and required about 80 ships for transport, constituting the first and only time that an effective of this scale of the USSR was deployed in the Americas, and is considered the spark of the conflict. In this sense, to better understand the Cuban Missile Crisis and identify possible lessons learned for the current moment, this article sought to recall the events of October 1962, shedding light on lesser-known aspects of the decision-making process, strategy development, and the preparation, deployment, and execution of Operation Anadyr, in addition to seeking to identify US actions developed to counter Soviet threats, as they were perceived at the time.

Keywords: military history; military strategy; Cuban Missile Crisis; nuclear threats.

Marco Antonio de Freitas Coutinho 
Exército Brasileiro
Brasília, DF, Brasil
coutinho.marco@eb.mil.br

Recebido: 28 abr. 2023

Aprovado: 23 out. 2023

COLEÇÃO MEIRA MATTOS

ISSN on-line 2316-4891 / ISSN print 2316-4833

<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/RMM/index>



Creative Commons
Attribution Licence

1 INTRODUÇÃO

A crise dos mísseis cubanos, evento ocorrido há 60 anos passados, colocou o mundo a um passo de uma terceira guerra mundial, com a participação direta de personalidades como o Presidente dos Estados Unidos da América (EUA), John Fitzgerald Kennedy, seu irmão Robert Kennedy, o Secretário-Geral do Partido Comunista da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), Nikita Krushchev, o líder cubano Fidel Castro e o Secretário de Defesa dos EUA, Robert McNamara, dentre outros líderes mundialmente reconhecidos.

Atores importantes deixaram registros pessoais de como as complexas negociações foram conduzidas e, mais ainda, sobre como lidaram com o enorme peso da responsabilidade que esteve sobre seus ombros, o que pode ser encontrado, particularmente, nas memórias de Robert Kennedy (1969) e Khrushchev (2007). A Crise dos Mísseis também teria contribuído para o estabelecimento das regras de convivência que passariam a ser observadas entre os EUA e a URSS durante toda a Guerra Fria. Nesse sentido, Narang e Sagan (2022) afirmam que a Crise dos Mísseis Cubanos constituiu um marco no processo de aprendizagem no relacionamento entre os EUA e a URSS, ao tempo em que questionam se o mundo precisaria de uma nova crise pós-guerra fria para “socializar” os líderes das nações que passaram a também deter armas nucleares.

Aliás, muito já se discutiu sobre o bloqueio naval estabelecido por Kennedy contra a frota soviética que se dirigia a Cuba, assim como sobre as demais ações adotadas pelos EUA, tais quais foram destacadas por Allison e Zelikow (1999), Rasemberger (2012) e, mais recentemente, na excepcional pesquisa realizada por Ploky (2021).

Além disso, estão hoje disponíveis para consulta virtual uma grande quantidade de arquivos ultrassecretos elaborados então pelo governo norte-americano, e que ajudam a compreender o processo decisório estabelecido pelo Presidente Kennedy e seu secretário de defesa, Robert McNamara. Tais documentos ajudam a conhecer não apenas as ações convencionais planejadas, tal qual o bloqueio naval, mas particularmente a extensão das ações de caráter híbrido ou encobertas adotadas pelos EUA, e que mereceriam um estudo mais aprofundado, não realizado no âmbito deste trabalho.

Aos que desejam se aprofundar no tema, recomendo a consulta ao memorando do Secretário de Defesa, datado de 13 de março de 1962 (The Joint Chiefs of Staff, 1962c), às notas de transcrição de reuniões da Junta de Chefes de Estado-Maior (The Joint Chiefs of Staff, 1962d), às orientações para a Ordem de Planejamento OPLAN 316-62 (The Joint Chiefs of Staff, 1962e) e não menos importante, ao detalhamento do programa de ações encobertas (híbridas), denominado Projeto Cuba (United States of America, 1962c).

Mas, quais teriam sido as ações planejadas pelos Soviéticos? Quais meios militares, em pessoal e material, a URSS desdobrou ou planejou desdobrar em Cuba? Quais seriam os objetivos políticos soviéticos ao realizar a instalação de sistemas de armas nucleares no território cubano? Como a liderança dos EUA percebeu as ameaças existentes?

Este artigo pretende responder esses questionamentos, analisando documentos disponíveis na literatura da Federação da Rússia, alguns deles originalmente de caráter altamente confidencial, mas disponibilizados para consulta em anos recentes.

A pesquisa sobre o então iminente conflito nuclear entre EUA E URSS se justifica no contexto da revisão desse importante evento histórico, num momento em que novamente

o mundo vê potências nucleares adotando estratégias que parecem levá-las a uma rota de colisão, como se vê no âmbito do conflito armado em desenvolvimento na Ucrânia.

Em que pese o desenvolvimento tecnológico dos sistemas de armas desde a década de 1960, inclusive os sistemas nucleares, o componente informacional e as características das lideranças envolvidas continuam a constituir aspectos importantes para qualquer processo decisório.

Nesse sentido, com o propósito de obter um melhor entendimento sobre a crise dos mísseis cubanos, buscando identificar lições aplicáveis ao complexo momento vivido no âmbito do sistema internacional, este artigo tratou de relembrar os eventos de outubro de 1962, lançando luz sobre aspectos menos conhecidos do processo decisório, do planejamento e da execução da Operação Anadyr, levada a cabo pela URSS, assim como identificar as ações norte-americanas desenvolvidas para se contrapor às ameaças soviéticas, na forma como foram percebidas à época.

2 ANTECEDENTES DA CRISE CUBANA DE 1962

Ainda em 1820, Thomas Jefferson já havia expressado sua convicção de que Cuba deveria ser tratada como um potencial estado norte-americano. A Guerra Hispano-Americana terminou com uma vitória dos EUA, que passou a controlar o território cubano, assim como o de Porto Rico por meio do tratado de 1898. Em 1901, os EUA impuseram ao governo independente de Cuba uma Emenda à nova Constituição, observando uma proposta elaborada pelo Senador Orville H. Platt e que atribuía à Cuba uma soberania limitada, uma vez que autorizava o governo dos EUA a instalar bases militares na ilha, o que foi efetivamente executado por meio do desdobramento de uma Base Naval na Baía de Guantánamo (Duncan; Stein, 2021).

Mas essa realidade começou a ser alterada em julho de 1953, quando um grupo de jovens revolucionários pegou em armas contra a falta de eleições e a corrupção generalizada patrocinada por Fulgêncio Batista, governante apoiado pelos EUA. Naquele mês teria ocorrido o conhecido ataque dos revolucionários, liderados por Fidel Castro, ao quartel do exército cubano de Moncada. Após uma forte reação das tropas governamentais, os revolucionários foram presos e depois exilados no México. Em 1956, Fidel retorna à ilha liderando um novo grupo de revolucionários, estabelecendo uma guerrilha na região de *Sierra Maestra*, até que em dezembro de 1958 o governo de Batista entrava em colapso, com a fuga de Fulgêncio Batista do país. Em janeiro de 1959, Fidel Castro instalava um novo regime em Cuba (Plokhy, 2021).

Pela primeira vez em sua história, os EUA se via numa posição similar aos das antigas potências coloniais europeias, que se mostravam cada vez mais intensamente envolvidas com movimentos de independência de suas possessões asiáticas e africanas, a maioria dessas tendendo a adotar movimentos pró-comunistas e a buscar alinhamentos pragmáticos com a URSS. E isso logo se verificou também em Cuba.

Em meados do ano de 1960, após um programa cubano de reforma agrária ter confiscado terras de empresas norte-americanas, o então presidente Eisenhower decidiu iniciar um planejamento para estabelecer uma mudança de regime em Cuba. A Agência Central de Inteligência (CIA) ficou encarregada de elaborar um plano baseado no apoio à formação de um movimento popular a ser criado a partir de exilados cubanos residentes no exterior (Plokhy, 2021).

O planejamento destinado a atingir o objetivo político de mudança de regime em Cuba começou a ser elaborado em março de 1960, ainda no governo do Presidente Eisenhower, tendo recebido a designação de Programa de Ações Encobertas contra o Regime de Castro¹, ou simplesmente Projeto Cuba. O projeto envolveria ações tanto no campo militar quanto no paramilitar (United States of America, 1960).

Entretanto, Eisenhower não teve tempo (nem vontade política) de executá-lo, repassando-o ao recém-eleito presidente John F. Kennedy em janeiro de 1961.

O desenvolvimento do Projeto Cuba seria desencadeado por fases, sendo que a primeira delas envolveria ser a infiltração de agentes para coleta de inteligência, a mobilização da oposição ao regime cubano, execução de propaganda por meio de rádio, concluindo com o desembarque na ilha de uma força de guerrilha integrada por exilados cubanos (Plokhy, 2021).

Tal força tarefa foi treinada em campos da CIA na Guatemala e sua missão seria a de estabelecer uma cabeça de praia, ocupar uma pista de pouso e organizar uma base de operações na ilha, de onde partiriam as ações ofensivas para a derrubada do regime cubano. Este seria o segmento paramilitar do Projeto Cuba, cujo planejamento foi elaborado sob a orientação do Diretor de Operações da CIA, Richard Bissell e do General D. W. Gray, representante da Junta de Chefes de Estado-Maior (JCS)² do Departamento de Defesa. O planejamento dessa primeira fase recebeu a designação militar de Operação Zapata (United States of America, 1961).

Uma segunda fase envolveria gestões político-diplomáticas voltadas para a criação de uma força multinacional de paz, aprovada e liderada pela Organização dos Estados Americanos (OEA). O Projeto Cuba envolveria, ainda, a previsão de envio de uma força militar norte-americana de intervenção rápida, caso a primeira ou segunda fases não fossem bem-sucedidas. (Plokhy, 2021).

Esta última variante essencialmente militar do plano envolveria, dentre outras ações, um ataque bandeira falsa (*false flag*) de forças cubanas contra o depósito de munições da base de Guantánamo e contra um navio americano fundeado naquele porto, o que proporcionaria a justificativa para uma intervenção dos EUA (Duncan; Stein, 2021).

Entretanto, Kennedy se mostrou temeroso quanto a possibilidade de uma ação direta dos EUA em Cuba, particularmente se isso fosse executado sem o aval da OEA, possibilidade que não poderia ser descartada (Plokhy, 2021).

Mas o apoio militar seria essencial, mesmo para a execução da primeira fase. O desembarque de uma força com efetivo calculado para de seis a oito mil guerrilheiros demandaria um pesado apoio aéreo e naval do EUA, sem o qual, a tropa de cubanos livres teria grandes dificuldades para se deslocar, desembarcar e se manter na ilha. A referida força recebeu a designação de “Brigada 2506” (Plokhy, 2021, p. 49).

Kennedy aprovou o plano, com a ressalva de que o desembarque deveria ser noturno, a fim de esconder o envolvimento de navios da Marinha dos EUA, e que as aeronaves empregadas fossem caracterizadas como sendo da Força Aérea Cubana, já que a dispunha de modelos fornecidos ao regime de Fulgêncio Batista pelos norte-americanos. Todo o esforço deveria ser empreendido para tentar descaracterizar ao máximo o envolvimento militar dos EUA. O local

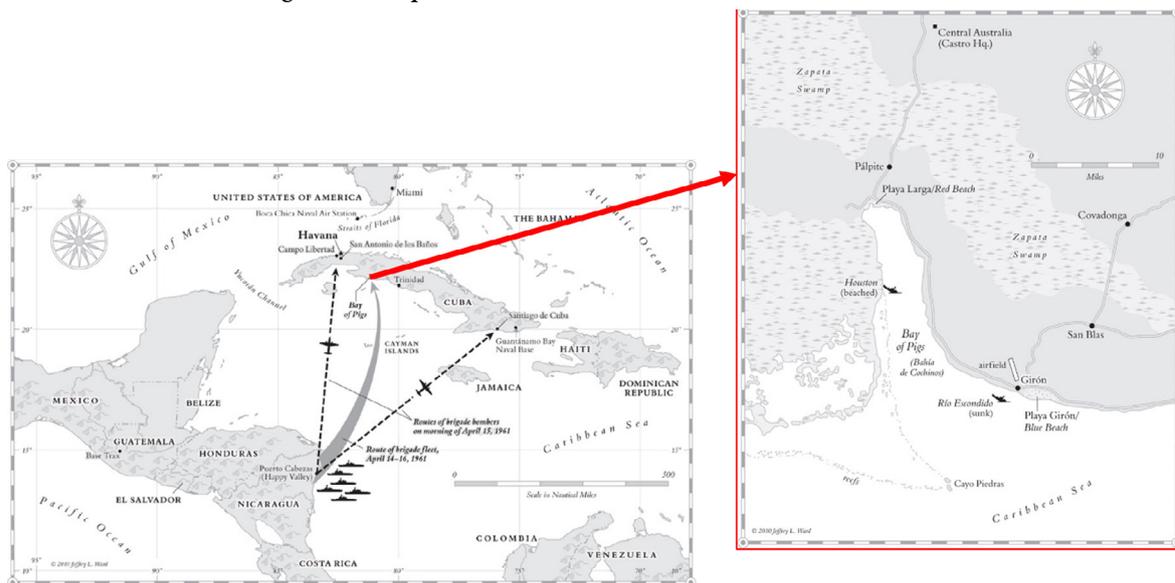
1 No original: *A Program of Covert Action Against the Castro Regime*.

2 JCS: *Joint Chiefs of Staff*.

escolhido foi a Baía dos Porcos, que atenderia a todos os requisitos estabelecidos no planejamento e sua execução ocorreria entre 14 e 17 de abril de 1961 (Plokhy, 2021).

A descaracterização do plano original para atender às diretrizes de Kennedy acabou por levar a uma série interminável de erros, ocasionando o completo insucesso da operação, pois a Brigada 2506 ficou sem apoio aéreo, apoio naval e, sobretudo, sem suprimentos, tendo sido cercada e dizimada pelas tropas de Fidel Castro. Os navios civis Houston e o Río Escondido, alugados pela CIA para a ação de transporte e desembarque da Brigada 2506, foram afundados por aviões cubanos durante o combate. A Figura 1 apresenta um esboço da região da Baía dos Porcos.

Figura 1 – Esquema da tentativa de invasão da Baía dos Porcos



Fonte: Rasenberger, 2012.

A desastrosa ação dos EUA, em abril de 1961, teve reflexos políticos imediatos em Cuba e na URSS. Num discurso proferido no dia 1 de maio de 1961 (Dia do Trabalhador), finalmente Fidel Castro declarava ostensivamente que a revolução cubana era comunista e que ele havia solicitado aos seus assessores que elaborassem uma nova Constituição Socialista para o país. Castro encerrou o discurso com uma frase que seria incorporada ao discurso cubano por décadas: “Vida longa à nossa revolução socialista” (Plokhy, 2021, p. 44). E a URSS não tardou para celebrar um acordo de cooperação técnico-militar com Cuba, que previa o fornecimento de armamentos e sistemas militares soviéticos.

O anúncio de Fidel Castro acendeu alarmes no governo dos EUA e Kennedy determinou a imediata revisão do Projeto Cuba, a fim de que se estabelecesse um planejamento mais detalhado do que os que até então havia sido redigido. O novo planejamento geral foi elaborado pelo Pentágono e não mais pela CIA, tendo recebido o nome de Operação Mangoose, e envolveria ações paramilitares, operações de informação e de inteligência. A parcela militar do planejamento, que previa uma invasão em larga escala, recebeu a designação de OPLAN 316-62 e a designação de “Operação Northwoods” (The Joint Chiefs of Staff, 1962d, p. 2).

O planejamento da invasão, constante da OPLAN 316-62 (The Joint Chiefs of Staff, 1962e), envolvia um emprego massivo de meios, incluindo as 82ª e 101ª Divisões Aerotransportadas (respectivamente de Fort Bragg e Fort Campbell), as 1ª e 2ª Divisões de Infantaria (respectivamente de Fort Riley e Fort Benning), assim como a 1ª Divisão Blindada (Fort Stewart) e as tropas de Fuzileiros Navais (5ª Brigada Expedicionária de Fuzileiros Navais).

Posteriormente, o planejamento reajustou o efetivo necessário para a invasão terrestre em face de novos dados de inteligência levantados sobre as forças inimigas, que agora contaria com um efetivo ampliado de tropas soviéticas. Para tal, a 5ª Divisão de Infantaria, uma Força Tarefa da 2ª Divisão Blindada e um efetivo adicional de Fuzileiros Navais foram acrescentados à ordem de batalha da OPLAN 316-62 (Department Of State, 1962).

Conforme já estipulado no planejamento anterior, a Operação Northwoods seria precedida por ações do tipo Bandeira Falsa (*False Flag*), como justificativa para a realização do ataque norte-americano (The Joint Chiefs of Staff, 1962d, p. 7-11).

3 O PROCESSO DECISÓRIO SOVIÉTICO EM RELAÇÃO À QUESTÃO CUBANA

A posição de Cuba naquele período era singular. O ambiente internacional era tenso entre os EUA e a URSS, numa das fases mais sensíveis da Guerra Fria. O mundo vivia a crise do muro de Berlim e crise decorrente da instalação de mísseis atômicos na Turquia (United States of America, 1962b).

Cuba, por sua vez, um país caribenho constitucionalmente dotado de limitada soberania em relação aos EUA e localizado a poucas centenas de quilômetros do território norte-americano, estava passando a contar com um governo revolucionário declaradamente comunista. Esse fator, associado à conjuntura internacional conflituosa, fez com que tal nação passasse a estar no centro das disputas político militares entre as superpotências.

De fato, as questões internas cubanas despertaram a atenção das lideranças soviéticas desde o início da revolução capitaneada por Fidel Castro, em 1956, ainda na época do assalto ao Quartel de Moncada. Mas segundo relata o próprio Nikita Khrushchev em sua biografia, apenas algumas poucas lideranças comunistas participavam do movimento, o que gerava uma dúvida sobre a direção que poderia vir a tomar a revolução cubana (Khrushchev, 2007).

Mas, a partir do discurso de Fidel, no dia 1 de maio de 1961, Khrushchev afirma que começaram a ser enviadas as primeiras delegações soviéticas para Cuba, uma delas chefiada por um importante membro do Soviete Supremo, Anastas Mikoyan, que acertou com Fidel Castro a criação de uma embaixada soviética em Havana, o fornecimento de petróleo para o país (os EUA impuseram um embargo ao fornecimento de combustível ao país), assim como o início de um robusto programa de cooperação técnico-militar (Khrushchev, 2007).

De maio de 1961 a março de 1962, os navios soviéticos teriam desembarcado em Cuba cerca de 400 veículos blindados, 40 caças dos tipos MiG-15 e MiG-19, instalações de radar e outros equipamentos militares. Foram também enviados 300 conselheiros militares soviéticos, que começaram a desenvolver um extenso programa de treinamento militar. O treinamento dos cubanos também foi realizado em bases militares na URSS. Após esse período, uma nova remessa encaminhou todo o material para equipar quatro batalhões de lançadores de mísseis de defesa aérea S-75, além de dez aeronaves de bombardeio Il-28, quatro lançadores de mísseis de cruzeiro táticos

convencionais P-15, assim como um efetivo adicional de 650 conselheiros militares (Rossiiskaia Federatsia, 2023).

Este esforço não era sem um propósito, pois a liderança soviética já tinha dados de inteligência que indicavam que os EUA não iriam desistir facilmente da ideia de remover Castro do poder, particularmente após seu discurso do Dia do Trabalhador. Uma nova invasão poderia ocorrer a qualquer momento.

Em suas memórias, Khrushchev relata que sua maior preocupação naquele período começava a ser a questão cubana, e expunha seus motivos:

A perda de Cuba, país que havia sido saqueado pelos Estados Unidos, e primeiro país latino-americano a tomar o caminho revolucionário, minaria a vontade de revolução entre os povos de outros países. (Khrushchev, 2007, p. 322)

Algumas fontes ocidentais atribuírem um peso maior à questão da crise em Berlim, iniciada em junho de 1961, como sendo o fator decisivo para levar à decisão soviética de enviar tropas e armas nucleares para Cuba. Nesse diapasão, Allison e Zelikow (1999) teriam inclusive elaborado uma hipótese baseada nessa possibilidade. Segundo eles, “para Kennedy, ao menos uma resposta mais plausível teria sido levantada ao final. Deve ser Berlim. Khrushchev usava os mísseis para solucionar o problema de Berlim” (Allison; Zelikow, 1999, p. 116)³.

Mas, segundo o relato do próprio Khrushchev, as causas eram outras. Em que pese a crise em Berlim ter demandado muita negociação, Khrushchev considerava que o Presidente Kennedy havia tomado alguns passos no sentido de um acordo aceitável (Khrushchev, 2007). O que fazia Khrushchev perder o sono eram dois outros pontos: o destino de Cuba (Khrushchev, 2007) e os mísseis dos EUA desdobrados na Europa (Khrushchev, 2007).

Quanto a esta última preocupação, Khrushchev detinha dados de inteligência que lhe mostravam que os norte-americanos dispunham, em 1962, de cerca de 60 lançadores de mísseis nucleares Thor na Grã-Bretanha, assim como até 30 lançadores de mísseis nucleares Júpiter na Itália e mais outros 15 na Turquia (Rossiiskaia Federatsia, 2023).

Segundo o Ministro da Defesa da URSS, Marechal Malinovsky, os mísseis do modelo Júpiter instalados na Turquia eram os que levantavam maior preocupação, pois poderiam atingir os centros vitais da URSS em apenas dez minutos. Enquanto isso, os mísseis intercontinentais soviéticos necessitariam de 25 minutos para atingir o território dos EUA, revelando uma desvantagem estratégica significativa para os soviéticos (Yesin, 2007a, p. 37).

Ao receber o relato de Malinovsky sobre o desdobramento nuclear dos EUA na Europa, Khrushchev teria se convencido de que a URSS se encontrava diante de uma ameaça existencial. Depois de passar longos dias buscando imaginar uma estratégia para lidar com esse problema, finalmente ele concluiu que a única solução possível seria realizar um acordo secreto com Cuba, que permitisse a instalação de mísseis com ogivas nucleares naquela ilha caribenha. Somente após instalados tais sistemas e estando os mesmos em nível operativo, tal fato seria dado ao

³ No original: *For Kennedy, at least, a more plausible answer dawned on him shortly afterward. It must be Berlin. Khrushchev would use the missiles to solve the Berlin problem.*

conhecimento aos norte-americanos. Dessa forma, ficaria assegurada uma paridade essencial para a dissuasão nuclear, senão em termos quantitativos, mas principalmente em termos de tempo de reação. E, ao mesmo tempo, garantiria uma contenção perante a uma possível invasão norte-americana ao território de Cuba. Esta estratégia lhe permitiria resolver dois problemas com uma única ação.

Mesmo na eventualidade de que a maioria dos mísseis instalados em Cuba fosse destruída num ataque dos EUA, um único míssil soviético poderia provocar uma destruição sem precedentes naquele país. Segundo Khrushchev:

A bomba atômica que os Estados Unidos lançaram sobre Hiroshima tinha uma força explosiva equivalente a 20.000 toneladas de TNT. Mas uma única das nossas ogivas tem uma força explosiva equivalente a 1 milhão de toneladas⁴. (2007, p. 326, tradução nossa)

A receita do balanço do medo, que vinha sendo aplicada pelos EUA no entorno da URSS seria usada contra eles mesmos. Ao retornar à Moscou, Khrushchev apresenta a ideia à alta liderança da URSS. Apenas Mikoyan fez uma ressalva, e não de menor importância: a reação dos EUA poderia dar origem a uma guerra nuclear. Mikoyan também alertou para o fato de que uma operação desse tipo poderia ser detectada precocemente pelos meios de vigilância e observação dos EUA, o que poderia colocar tudo a perder. E, finalmente, questionava se tal ação seria aprovada por Fidel Castro, que colocaria seu país como um alvo prioritário de uma resposta nuclear norte-americana (Khrushchev, 2007).

Caso tomasse a decisão de implantar mísseis nucleares perto das fronteiras dos Estados Unidos, a liderança política da URSS estava perfeitamente ciente de qual poderia ser a reação norte-americana à esta medida. Nesse sentido, a deliberação adotada foi no sentido de elaborar um planejamento para o desdobramento de armamentos nucleares em Cuba, trabalho que ficaria sob o mais elevado grau de sigilo e compartilhado por um mínimo de pessoas, a fim de que se pudesse avaliar a viabilidade de sua execução. Somente após validada pelo Presidium do Soviete Supremo a proposta seria encaminhada formalmente para aprovação do governo cubano.

Mas Khrushchev já demonstrava claramente ter tomado a sua decisão pessoal.

4 A GÊNESE DA OPERAÇÃO ANADYR

O relato detalhado de como o Estado-Maior Geral das Forças Armadas da URSS concebeu e implementou a decisão de Khrushchev consta no livro editado pelo General da Reserva Yesin (2007a). Publicado apenas em língua russa, o texto apresenta os relatos de militares que estiveram diretamente envolvidos na gênese do que viria a ser a maior operação militar realizada pela URSS desde a 2ª Guerra Mundial.

Em fins de maio de 1962, coube ao Chefe do Estado-Maior Geral, General Ivanov, a designação dos envolvidos no planejamento inicial do que ele designou como “Operação

⁴ No original: *The atom bomb that the United States dropped on Hiroshima had an explosive force equivalent to 20,000 tons of TNT. But our warhead had an explosive force equivalent to one million tons.*

Anadyr”. Segundo os relatos de Yesin, ninguém nunca soube ao certo o porquê da escolha por “Anadyr”, que na verdade corresponde ao nome de um rio na Sibéria. Talvez já fosse uma tentativa de dissimulação por parte do General Ivanov (Yesin, 2007b).

O principal encarregado pela elaboração do planejamento inicial do envio de sistemas de armas nucleares para Cuba foi o General Anatoly Gribkov, então chefe do Departamento Principal de Operações do Estado-Maior Geral soviético. Apenas ele e mais dois outros oficiais gerais foram autorizados por Ivanov a participar dessa fase do planejamento, nem sequer um datilógrafo poderia ser utilizado para ajudar a colocá-lo no papel. Somente após aprovado o planejamento pelo Presidium do Soviete Supremo, a lista de participantes poderia ser ampliada, mas sempre com o máximo grau de sigilo (Gribkov, 2007).

As diretrizes iniciais do planejamento constavam de um manuscrito elaborado pelo General Ivanov e estabeleciam que o planejamento deveria contemplar o desdobramento em Cuba de um Grupo de Forças Soviéticas, com capacidades nucleares. A previsão de como tal grupo deveria ser constituído e quais efetivos seriam necessários deveria ser apresentada o mais breve possível, assim como os principais óbices a serem enfrentados na tarefa. A diretriz apresentava o objetivo político a ser atingido: apenas com a instalação de mísseis com ogivas nucleares em Cuba, uma agressão dos EUA contra aquele país poderia ser evitada, conforme determinado pelo Ministro da Defesa Mikoyan.

A União Soviética advertiu repetidamente ao governo dos EUA sobre a inadmissibilidade de provocações contra Cuba revolucionária, e sobre suas possíveis consequências perigosas. Mas todos os avisos foram ignorados. Teríamos que tomar medidas de retaliação. [...] No final de abril de 1962, Khrushchev compartilhou esse pensamento com Mikoyan, enfatizando que somente assim a segurança de Cuba poderia ser garantida. (Gribkov, 2007, p. 38, tradução nossa)⁵

O planejamento foi concluído em curto espaço de tempo, procurando responder às demandas do General Ivanov. O Grupo de Forças a ser desdobrado em Cuba não contaria apenas com tropas da Força de Mísseis Estratégicos, mas com uma ampla gama de meios para autodefesa (terrestres, aéreos e navais), comando e controle e logística, de todos os ramos das Forças Armadas soviéticas, ou seja, do Exército, Marinha, Forças Aérea e Força de Mísseis Estratégicos (Nuclear). Nem mesmo na 2ª Guerra Mundial uma força de tamanha envergadura havia se deslocado para tão longe do território continental da URSS. A ideia seria, em coordenação com as Forças Armadas de Cuba, transformar a ilha numa fortaleza inexpugnável (Gribkov, 2007).

Com relação à tarefa principal recebida, qual seja a de instalar mísseis balísticos com ogivas nucleares em Cuba, o Grupo de Forças deveria ter a capacidade de retaliar qualquer tentativa de ataque dos EUA e, mediante ordem de Moscou, ataques nucleares seriam desfechados contra os mais importantes alvos no território norte-americano. Para tal, foram previstos 3 Regimentos de Mísseis Nucleares de Médio Alcance, dotados de um total de 24 lançadores R-12, assim como

5 No original: Советский Союз неоднократно предупреждал правительство США о недопустимости провокаций против революционной Кубы, об их возможных опасных последствиях, но все предупреждения были проигнорированы. Нам пришлось принять ответные меры. [...] В конце апреля в 1962 году он поделился этой мыслью с Микояном, подчеркнув, что только таким образом, по его мнению, может быть гарантирована безопасность Кубы.

dois Regimentos de Mísseis Intermediários, estes dotados de um total de 16 lançadores R-14. Isto proporcionaria ao Grupo de Forças a capacidade de atingir alvos localizados entre 2,5 e 4,5 mil quilômetros de distância, o que permitiria atingir os principais alvos levantados pela inteligência soviética no território dos EUA. Para se ter uma ideia, a cidade de Los Angeles, na Califórnia, estaria no raio de ação dos lançadores R-14 a serem instalados em Cuba.

Segundo a Enciclopédia do Ministério da Defesa da Federação da Rússia, a instalação desses meios no Caribe teria dobrado a quantidade de mísseis soviéticos capazes de atingir o território dos EUA (Rossiiskaia Federatsia, 2023). É interessante considerar a percepção de ameaça com que a liderança dos EUA avaliou a situação. Segundo Allison e Zelikov (1999), Robert McNamara entendia que a quantidade de mísseis enviadas pelos soviéticos para Cuba não afetaria o balanço de forças nucleares.

Entretanto, trinta anos depois, retornando de uma conferência realizada em Havana no ano de 1992, na qual personalidades norte-americanas, russas e cubanas discutiram as circunstâncias históricas relacionadas à crise dos mísseis, McNamara declarou em uma entrevista ao jornal *Washington Post* (Oberdofer, 1992) não ter tido qualquer conhecimento à época de que os russos dispunham de sistemas de mísseis de curto alcance com ogivas nucleares táticas completamente operacionais instalados em Cuba durante a referida crise.

McNamara disse, ainda, que foi surpreendido com a declaração realizada no evento pelo General Anatoly Gribkov, também presente à reunião em Havana, que afirmara estar o comandante russo no terreno autorizado a empregar os armamentos nucleares táticos no caso de uma invasão dos EUA ao território cubano, sem a necessidade de receber uma autorização de Moscou para tal. Concluiu McNamara afirmando que as duas nações estiveram muito mais próximas de um conflito nuclear do que ele jamais imaginara, uma vez que o desembarque de uma força militar estava previsto no planejamento existente e, no caso de que tais armamentos fossem lançados contra as tropas norte-americanas, uma retaliação nuclear estratégica norte-americana teria que ser determinada.

Em termos de tropas, o Grupo de Forças Soviéticas em Cuba contaria com 4 Regimentos de Infantaria Mecanizada para defesa de Cuba, cada um com a tarefa de realizar contra-ataques num caso de invasão. Os Regimentos teriam uma grande área de responsabilidade para defesa, e para tal, todos os quatro contariam com baterias de mísseis Luna 3R10, de curto alcance (45 quilômetros (Km)), dotados de ogivas nucleares táticas.

No total, o efetivo estimado do Grupo de Forças atingiria a marca de 44 mil militares, sendo que uma frota de 70 a 80 navios da Marinha Soviética seria necessária para transportar todo o pessoal e material previstos. Seria um esforço gigantesco (Gribkov, 2007).

Os planejadores norte-americanos desconheciam completamente a quantidade real de soldados russos desdobrados na ilha cubana, estimados em um máximo de dez mil pela inteligência militar norte-americana (Plokhy, 2021).

Mas atendendo à diretriz do General Ivanov, foram também levantados alguns óbices relevantes pela pequena equipe do General Gribkov, ambos relacionados ao sigilo da operação. O Primeiro deles se referia à fase de deslocamento estratégico. Como dissimular o deslocamento de uma frota tão grande da Marinha Soviética sem despertar a atenção dos EUA?

O segundo óbice se referia à fase de desdobramento dos regimentos de mísseis em Cuba: como esconder dos meios de observação aéreos dos EUA a instalação de tantas baterias de mísseis? Este óbice se justificava pelo fato de que os dados disponíveis apontavam no sentido de que

a ilha de Cuba possuía pouca vegetação florestal que proporcionasse uma camuflagem natural para equipamentos de grande porte, cuja instalação iria requerer, ainda, trabalhos consideráveis de engenharia. Tudo ficaria muito visível para as ultra precisas câmeras das aeronaves U-2 dos norte-americanos.

Figura 2 – Unidade de Lançamento do Sistema Luna 3R10 com Ogiva Nuclear Tática



Fonte: Butsiy, 2007.

No dia 10 de junho de 1962, o planejamento da Operação Anadyr foi apresentado ao Presidium do Soviete Supremo. Após o Marechal Malinovsky realizar uma detalhada explanação sobre o plano, ele foi aprovado por unanimidade.

Segundo Gribkov (2007), Khrushchev, na qualidade de Chefe de Estado e Comandante Supremo, teria concordado com uma previsão de elevadíssimo risco constante no Plano Anadyr, qual seja, a autorização prévia para que o Comandante do Grupo de Forças pudesse determinar o emprego dos mísseis Luna para a defesa imediata da ilha, a seu critério pessoal, com a ressalva de que esse emprego deveria ser realizado sempre em último caso, e apenas quando não fosse possível uma comunicação tempestiva com os escalões superiores.

O Presidium recomendara que os óbices levantados no planejamento deveriam ser objeto de uma criteriosa análise e coordenação, a fim de se reduzirem os riscos levantados.

5 A MOBILIZAÇÃO E O DESLOCAMENTO ESTRATÉGICO

A primeira medida adotada pelo Estado-Maior Geral foi a criação de um departamento específico para realizar o detalhamento da Operação Anadyr e coordenar sua execução. Ele incluiria oficiais gerais e assessores dos mais diversos níveis de todas as forças singulares, assim como representantes dos Departamentos de Pessoal, Logística, Engenharia, Comunicações, Administração e Finanças (Rossiiskaia Federatsia, 2023).

Ao mesmo tempo, foi iniciado o processo para designação do importante cargo de Comandante do Grupo de Forças Soviéticas em Cuba. A ideia inicial teria sido a designação de um Oficial General da Força de Mísseis Estratégicos, mas logo se chegou à conclusão de que a constituição do Grupo de Forças era por demais heterogênea, e que seria necessário designar um Oficial General mais experiente e com maior antiguidade.

O Estado-Maior Geral decidiu indicar ao Secretário Khrushchev o nome do General de Exército Issa Alexandrovich Pliev, oficial da arma de Blindados, veterano da 2ª Guerra Mundial. Entretanto, seu perfil pouco diplomático havia despertado algumas críticas quanto à sua nomeação, pois esta característica poderia vir a ser essencial no relacionamento com as autoridades cubanas em geral e com Fidel Castro em particular. Também o seu total desconhecimento sobre o emprego de armas nucleares gerou dúvidas quanto a sua capacidade de decidir sobre o emprego desses meios.

Segundo Gribkov (2007), Khrushchev teria aprovado o nome de Pliev, e não um de seus generais das forças nucleares, justamente porque não pretendia de forma alguma empregar tais armas, mas apenas utilizá-las para fins de dissuasão.

O Estado-Maior do Grupo de Forças era uma estrutura conjunta, integrada por um Subcomando, um Departamento Político, uma Chefia de Estado-Maior, uma Seção de Defesa Aérea, uma Seção Naval, uma Seção de Pessoal e Logística, uma Seção de Operações e uma Seção de Coordenação dos Assessores Militares em Cuba, todas chefiadas por oficiais generais.

Em termos de tropas e meios, o Grupo de Forças seria integrado pela 51ª Divisão de Mísseis Estratégicos (Sistemas R-12 e R-14), quatro Regimentos de Infantaria Mecanizados, dois Grupos de Mísseis Antiaéreos, 1 Regimento de Aviação de Caça (40 aeronaves MiG-21), um Esquadrão de Aviação de Transporte (11 aeronaves), um Regimento de Helicópteros (33 aeronaves Mi-4), dois Regimentos de Mísseis Táticos (Sistema Luna, capazes de desdobrar 8 lançadores em cada Regimento de Infantaria), um Batalhão de Engenharia e duas Unidades Logísticas. A parte naval incluiria uma Brigada de Submarinos (11 unidades), um Esquadrão de Navios de Superfície (dois cruzadores, dois destróieres e duas fragatas), um esquadrão de embarcações lançadoras de mísseis antinavio (12 unidades), um Regimento de Artilharia de Costa (oito lançadores de mísseis antinavio Soppa), um Regimento de Aviação Naval (33 aeronaves Il-28) e um destacamento de navios de apoio (dois navios petroleiros, dois navios de carga geral e um navio-oficina). Todas as unidades seriam equipadas com as versões mais modernas dos armamentos previstos.

Foi decidido que os sistemas de mísseis nucleares táticos Luna seriam embarcados com os respectivos Regimentos de Infantaria, junto aos quais estariam previstos para operar em Cuba.

Uma documentação de menor classificação sigilosa apresentava apenas os detalhes da mobilização, concentração estratégica e preparativos para o embarque e foi denominada “Plano de Preparação e Conduta para o Evento Anadyr”, onde constava que a operação se tratava apenas de um exercício de deslocamento estratégico de tropas por via marítima para diferentes áreas da URSS. A parte do deslocamento para Cuba e o desdobramento na ilha caribenha constava apenas na parte ultrassecreta do planejamento (Gribkov, 2007).

Gribkov descreveu detalhadamente o planejamento para o deslocamento estratégico (Gribkov, 2007). Devido à grande complexidade envolvida na preparação de uma frota tão grande, um departamento especial teve que ser criado no âmbito da Força Naval e que ficou encarregado de realizar os planos de embarque de pessoal e material. Oficiais de ligação de todas as unidades foram designados para compor tal departamento, levando consigo todas as listas de pessoal e material, estas contendo a descrição de todos os volumes a serem embarcados.

Ordens foram emitidas para cada unidade subordinada, com data, hora e local de embarque de cada uma delas. As tropas de logística também receberiam a mesma informação para

preparação de comboios ferroviários ou rodoviários para os deslocamentos terrestres, conforme o caso. O tempo necessário para embarque de cada unidade seria de dois a três dias.

Mas algumas questões inéditas necessitariam ser equacionadas. Os maiores desafios estariam relacionados aos sistemas de mísseis estratégicos. Desde o embarque do combustível para os mísseis, até o manejo, transporte e embarque de uma grande quantidade de ogivas nucleares, nada parecido havia sido executado até então. As soluções envolveram projetos detalhados de engenharia.

Também o embarque dos mísseis envolveria preparativos especiais. De forma a impedir que reconhecimento aéreo norte-americano os identificasse caso estivessem dispostos nos convéses superiores dos navios, os mísseis tiveram que ser colocados nos porões, exigindo adaptações significativas no acesso aos compartimentos de carga dos navios. E efetivamente a inteligência dos EUA realizou reconhecimento fotográfico nos navios soviéticos, mas nunca conseguiram identificar que os mísseis estavam sendo transportados. Este detalhe acabou por gerar decisões equivocadas por parte dos norte-americanos durante toda a crise, e de fato, elevou a probabilidade de ocorrência de um conflito nuclear. Como já vimos, esse desconhecimento foi revelado pelo ex-Secretário de Defesa dos EUA, Robert S. McNamara, apenas no ano de 1992.

Voltando aos preparativos para o deslocamento estratégico, foi determinado que todas as comunicações deveriam ser realizadas por meios seguros. Nenhuma ordem ou coordenação poderia ser realizada por telefone, exigindo que a documentação expedida não desse margem a qualquer dúvida. O planejamento previa um calendário de quatro meses para o embarque de todas as levadas previstas para Cuba, se iniciando no dia 12 de julho de 1962, e se concluindo até outubro daquele ano.

Enquanto as medidas de preparação estavam em andamento, um grupo especial de reconhecimento se deslocava para Cuba via aérea. Tendo em vista que a aeronave teria que fazer uma escala de reabastecimento na cidade de Conacri (República da Guiné), em sua rota para Cuba, todos seus integrantes receberam passaportes e nomes falsos, com a estória de cobertura de que se tratava do primeiro voo comercial entre a URSS e Cuba. E a delegação, chefiada pelo próprio General Pliev (Figura 3), estaria sob disfarce de uma comitiva de especialistas em agricultura e irrigação, que iniciaria um grande projeto na ilha caribenha. Essa notícia circularia na imprensa cubana e nos meios de divulgação da imprensa soviética. Uma das tarefas principais desse grupo seria a de reconhecer possíveis locais onde a cobertura vegetal permitisse o desdobramento dos lançadores de mísseis R-12 e R-14.

As primeiras tropas a embarcar seriam as de defesa antiaérea a os Regimentos de Infantaria Mecanizada (que já teriam incorporado as baterias de mísseis nucleares táticos Luna), assim como os apoios, de forma que a chegada posterior dos Regimentos de Mísseis Estratégicos, permitisse que esta operação mais sensível já contasse com um esquema defensivo, caso um ataque dos EUA fosse realizado nesse interim.

O detalhamento da Operação Anadyr foi pela primeira vez apresentado para autoridades cubanas no final de junho de 1962. Uma delegação cubana chefiada por Raul Castro, Ministro das Forças Armadas Revolucionárias de Cuba, foi convidada pelo General Pliev para um encontro com o Secretário Khrushchev em Moscou. Segundo o próprio Khrushchev (2007), Raul Castro era uma figura central para a abordagem do tema, uma vez que era sabidamente um comunista de primeira hora.

Todas as tratativas foram conduzidas em absoluto sigilo. A elaboração dos termos de um acordo militar envolvendo o envio do Grupo de Forças para Cuba levou à realização de aprofundadas negociações, que prosseguiram por 5 dias. Um documento preliminar foi elaborado, mas

ainda pendente da aprovação de Fidel Castro. Ao recebê-lo, Fidel determinou algumas alterações, e o nome do documento foi definido como “Acordo entre o Governo da República de Cuba e o Governo da URSS sobre a Cooperação Militar para a Proteção do Território Nacional de Cuba em Caso de Agressão”⁶. Os termos atendiam as expectativas de ambos os signatários. Numa carta enviada por Fidel Castro, ele designara Ernesto Che Guevara como seu representante autorizado para assinar o documento (Gribkov, 2007).

Figura 3 – Chegada da comitiva chefiada pelo General Pliev (ao centro) à Havana, recebido por Raul Castro (à direita na foto)



Fonte: Gribkov, 2007.

O deslocamento estratégico se iniciaria na data estabelecida. No dia 12 de julho de 1962 os embarques foram iniciados nos portos de Kronstadt, Liepaja, Baltic Ska, Sevastopol, Fedosia, Nikolaev, Poti e Murmansk. Uma vez que a tropa tivesse chegado ao seu porto designado, ninguém mais poderia sair dali. Tropas da KGB guarneceriam todos os locais de embarque, de forma que as normas fossem seguidas à risca. Todas as comunicações entre os portos e o mundo exterior foram cortadas. Cartas, telegramas e telefonemas eram estritamente proibidos.

Cada navio receberia dois envelopes lacrados. Um para ser aberto pelo seu Comandante momentos antes do horário previsto para suspender, e que apresentava as coordenadas de um ponto a ser atingido. Ali o oficial político entregaria ao Comandante o segundo envelope lacrado, que os direcionaria para um porto designado para o desembarque em Cuba.

6 O DESDOBRAMENTO E OS ÓBICES ENFRENTADOS

Foram designados 11 portos em Cuba para o desembarque das tropas e do material. Os principais eram os de Havana, Cabañas, Casilda, Bahía Honda, Matanzas, La Isabela e Mariel. No dia 19 de julho, os primeiros desembarques viriam a ocorrer. Em pouco tempo começou a ser verificado um congestionamento de navios nos principais portos cubanos, que não dispunham de equipamentos adequados para descarga em quantidade suficiente, provocando uma demora

⁶ No original: Соглашение между Правительством Республики Куба и правительством СССР о военном сотрудничестве для защиты национальной территории Кубы в случае агрессии.

excessiva nas operações de desembarque previstas e necessidade de redirecionamento não programado de navios para portos alternativos.

Figura 4 – Preparativos para desembarque de carga no porto de Mariel

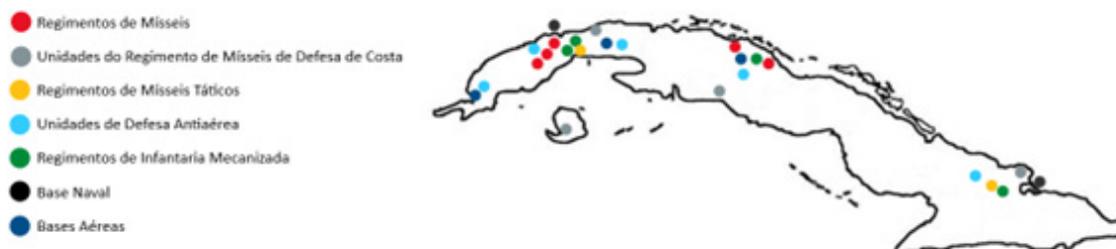


Fonte: Yesin, 2007a.

Dos portos designados, as unidades deveriam seguir para suas zonas de reunião. As unidades de mísseis balísticos deveriam se desdobrar na região oeste da ilha, na área da localidade de San Cristobal, e na região central, na área do Porto de Casilda. A maior parte dos Regimentos de Infantaria também se desdobraram nessas áreas, mas alguns foram previstos para a região leste. Um deles foi desdobrado a apenas 100 Km da Base Naval dos EUA, localizada em Guantánamo. A base norte-americana seria um dos alvos iniciais, caso as forças dos EUA tentassem uma invasão. As unidades orgânicas da Força Aérea soviética já estavam se adestrando para atacá-la.

A Figura 5 apresenta um esquema de desdobramento das unidades do Grupo de Forças Soviético em Cuba.

Figura 5 – Desdobramento do Grupo de Forças Soviético em Cuba



Fonte: adaptado pelo autor a partir de Stacenko, 2007.

A chegada das primeiras ogivas nucleares estratégicas se verificou apenas no dia 16 de setembro, exigindo cuidados redobrados quanto à segurança orgânica e contra-inteligência. Justamente nessa época foi identificada pela contra-inteligência soviética, em coordenação com a agência de segurança cubana, que células da CIA estavam atuando ativamente na ilha, exigindo uma operação para desativá-las. Uma organização subversiva, patrocinada pelos norte-americanos e denominada Divisão Narciso Lopez, teria sido identificada e neutralizada, com a prisão de um cidadão dos EUA e 237 integrantes, com a apreensão de grandes somas de dólares norte-americanos, pesos cubanos e ouro.

As tropas que chegaram a Cuba foram desdobradas em todas as suas seis províncias, cujas condições geográficas eram significativamente diferentes entre si. Essas diferenças também trouxeram consequências para a natureza e escopo dos trabalhos de engenharia necessários. Na maioria das áreas de concentração não havia acomodações suficientes para tantos militares. A rede viária era inexistente ou extremamente precária e, em alguns casos, não havia até mesmo fontes de abastecimento de água. Os Pelotões de Engenharia orgânicos dos Regimentos e o único Batalhão de Engenharia disponível ficaram totalmente sobrecarregados. Mesmo com o concurso dos parques meios de engenharia das tropas cubanas e, ainda, de meios civis cubanos mobilizados, pouco foi possível reunir para a solução das enormes demandas.

A maioria das tropas permaneceu alojada em barracas de campanha, e os oficiais em estruturas modulares de alojamento (Figura 6). Todos os militares permaneceriam durante toda fase de desdobramento em trajes civis, devendo os uniformes serem utilizados apenas mediante ordem. Um uniforme especial, denominado Sul, foi fornecido para todos os integrantes do grupo de Forças e foi confeccionado para atender as características da operação em clima tropical.

Figura 6 – Alojamento para oficiais em estruturas modulares



Fonte: Burlov, 2007.

Entretanto, o sigilo da operação e o número limitado de pessoas autorizadas a implementar o planejamento estabelecido para a Operação Anadyr tiveram diversas consequências negativas para sua implementação, que Gribkov (2007) descreveu em detalhes.

As condições a bordo da maioria dos navios não eram adequadas para o transporte de pessoal. Os locais de alojamento eram precários e as temperaturas nos porões chegavam a 50° C.

Muitos alimentos se deterioraram em poucos dias, devido ao calor, provocando doenças na tropa e sobrecarregando as limitadas enfermarias.

Questões tão importantes como a seleção prévia dos locais de desdobramento para prontidão de combate dos regimentos de mísseis haviam sido completamente negligenciadas. A realidade do terreno demonstrou que a ausência de cobertura vegetal limitava em muito a capacidade de manter o desdobramento das forças sob a camuflagem necessária.

Figura 7 – Grupo de militares russos, em trajés civis, numa das áreas de desdobramento ocupadas



Fonte: Gribkov, 2007.

A influência das condições climáticas (chuvas fortes tropicais) não foi corretamente avaliada para os trabalhos de engenharia, necessários para a preparação das posições de combate. Os sistemas de mísseis P-12 não exigiam uma grande quantidade de trabalho de engenharia para seu desdobramento, e sua instalação ocorreria sem maiores problemas. Entretanto, o sistema de mísseis R-14 exigia a realização de concretagem em uma área sob a plataforma de lançamento, assim como a concretagem do local destinado à estação de reabastecimento de combustível para foguete. A chuva fez com que o tempo destinado aos trabalhos de engenharia aumentasse significativamente, tornando praticamente impossível realizá-los de forma que os reconhecimentos aéreos dos EUA não os identificassem. Também as características do solo, muito pedregoso, tornavam os equipamentos de engenharia ineficientes.

O fato é que na data prevista para que as baterias de R-14 estivessem em prontidão de combate (23 de outubro de 1962), não havia uma única posição totalmente preparada para os que os sistemas mais importantes do dispositivo nuclear estratégico soviético estivessem plenamente operacionais.

A questão do transporte e manejo do combustível para os mísseis foi outra dificuldade operacional relevante. O combustível destinado aos mísseis R-12 e R-14 era líquido, composto por um oxidante extremamente agressivo, combustível e peróxido de hidrogênio. Reservatórios especiais tiveram que ser instalados em navios-tanque para permitir seu transporte até Cuba. O desembarque deveria ser realizado obrigatoriamente no porto da Bahía Honda, onde

equipamentos especializados foram instalados para bombear os componentes para caminhões cisterna especializados, e dali poderem ser transportados para suas unidades de destino.

Outros fatores tiveram um impacto significativo nas ações das unidades de mísseis, tais como: o processo excessivamente alongado de concentração para as unidades de mísseis estratégicos, que foram os últimos a embarcar; o deslocamento de mísseis em navios diferentes dos seus escalões de controle e operação, gerando falta de coordenação no desembarque; as condições climáticas difíceis em Cuba, seja pelo calor (chegando a atingir 40º C) e, particularmente, pela humidade, afetando a operacionalidade dos mísseis; e, finalmente, as ações dos EUA no bloqueio naval da ilha de Cuba, que a partir de 22 de outubro de 1962 passaram a interferir diretamente na operação de deslocamento estratégico.

7 O AUGO DA CRISE E A DESMOBILIZAÇÃO

Nas primeiras horas da manhã de 14 de outubro de 1962, o Tenente Coronel Richard Heyser realizava uma missão de vigilância sobre a Ilha de Cuba, empregando para tal uma sofisticada aeronave espiã U-2. As centenas de fotos capturadas pelas lentes da sua câmera revelariam a maior ameaça à segurança nacional dos EUA até aquela data e que formariam um conjunto de provas inequívocas da existência de posições de lançamento para mísseis de médio alcance soviéticos em Cuba (Rasenberger, 2012).

Estava começando a Crise dos Mísseis de Cuba, segundo a denominam os norte-americanos, ou a Crise do Caribe, segundo denominação empregada pelos soviéticos (Khrushchev, 2007).

A informação literalmente caiu como uma bomba sobre Washington. A inteligência norte-americana deixara de identificar tempestivamente a preparação de tal ação e, conseqüentemente, a liderança dos EUA se achava completamente surpreendida.

O *Chairman* da Junta de Chefes de Estado-Maior dos EUA, General Maxwell Taylor, já tinha todo o planejamento para o ataque aéreo em massa contra alvos em Cuba. Estima-se que a OPLAN 312-62 (plano que regulava esse ataque aéreo) previa o emprego de cerca de mil aeronaves de todos os tipos, sendo que metade delas seriam caças táticos. Caso Cuba não se rendesse após esse ataque aéreo, Maxwell estaria em condições de acionar a OPLAN 316-62, como já visto, a invasão terrestre em larga escala (Department of State, 1962).

A inteligência dos EUA havia contribuído com esses planejamentos com alguns dados incorretos: estimavam a presença de cerca de 10 mil militares soviéticos na ilha, quando a URSS tinha quatro vezes mais efetivos do que esse valor. Não se aventava que haveria mísseis balísticos de médio alcance em condições operacionais, mas como já vimos, ao menos os R-12 já estavam prontos para o combate. Se desconhecia completamente que havia sistemas de mísseis nucleares táticos desdobrados em Cuba. E não somente havia, no caso os sistemas Luna, como já estavam em estado de prontidão e com autorização já concedida ao Comandante do Grupo de Forças Soviético para seu uso em caso de uma invasão (Rasenberger, 2012)

Maxwell, um militar linha dura e veterano da 2ª Guerra Mundial, já tinha decidido que o acionamento imediato da OPLAN 312-62 (um ataque aéreo massivo) seria a opção com maior chance de sucesso. Participante do planejamento da ação na Baía dos Porcos, o fracasso dela ainda manchava seu currículo, mesmo entendendo que o fracasso anterior não teria sido culpa exclusiva dele.

O dia 27 de outubro de 1962 marcaria o auge da crise, quando diversos acontecimentos de alto risco viriam a acontecer quase de forma simultânea, numa tempestade perfeita. O primeiro deles ocorreria numa reunião do Presidente Kennedy com seus principais assessores militares, ocasião em que teria sido aconselhado a autorizar o acionamento da Operação Nortwoods, conforme parecer do General Maxwell. Este planejamento envolvia o início de um ataque aéreo preventivo contra Cuba no dia 29 de outubro. Seria o desencadeamento da OPLAN 312-62. (Department of State, 1962).

A sugestão de Maxwell ainda era no sentido de que, após o referido ataque aéreo, uma avaliação deveria ser realizada para verificar a necessidade de uma invasão terrestre, e esta envolveria a autorização da OPLAN 316-62 (The Joint Chiefs of Staff, 1962d).

Kennedy, entretanto, não se mostrou apenas reticente, mas bastante firme no sentido de que não adotaria nenhuma ação direta, seja ela um ataque aéreo ou terrestre. Sua intenção seria empregar uma combinação entre bloqueio naval e uma intensificação dos esforços diplomáticos como a linha de ação mais apropriada, a fim de se evitar ao máximo o risco de eclosão de uma guerra nuclear (Rasenberger, 2012).

Mas nesse mesmo dia, uma série de incidentes da mais alta gravidade ainda teria lugar. O Submarino Nuclear Soviético B-59, que navegava no Mar do Caribe, foi identificado e cercado por 11 destróieres da Marinha dos EUA, que lançaram cargas de profundidade tipo PDC⁷ para forçá-lo a emergir. O Comandante do B-59 estava sem comunicação direta com Moscou e esteve a um passo de dar o comando para disparar um torpedo nuclear contra a armada norte-americana, tendo sido impedido no último minuto pelo comandante de sua flotilha (Duncan; Stein, 2021).

Neste mesmo momento, um avião de reconhecimento U-2, voando a uma altitude de mais de 20 Km sobre a ilha de Cuba, foi abatido pelas defesas antiaéreas desdobradas em solo. A guarnição que realizou o disparo era russa, e a decisão teria sido do comando do Grupo de Forças Soviéticas, após a detecção da aeronave pelos meios de radar disponíveis (Duncan; Stein, 2021).

As tropas cubanas recolheram os restos mortais do piloto do U-2, Major Rudolf Anderson, que acabou por se tornar a única vítima fatal da crise vivenciada naqueles fatídicos dias de outubro de 1962.

Por fim, Fidel Castro teria enviado uma mensagem para Khrushchev, na qual informava ter dados de inteligência apontando que a invasão norte-americana ocorreria nas próximas horas. Tudo sinalizava para uma escalada irremediável da crise.

Em meio a toda essa incerteza, Khrushchev teria enviado duas cartas para Kennedy. A primeira delas condicionava a retirada dos mísseis com a garantia de que Cuba não seria invadida. Na segunda, entretanto, Khrushchev exigia que os EUA também removessem seus mísseis da Turquia. Kennedy decidiu enviar uma resposta ignorando a possibilidade realizar uma troca de mísseis, atendo-se a dar a garantias de que Cuba não seria invadida (Duncan; Stein, 2021).

Khrushchev teria recebido a resposta de Kennedy e, após avaliar a situação junto ao Presidium do Soviete Supremo, ele se decidiu sobre a sua resposta final:

7 *Practice Depth Charges* ou Cargas de Profundidade de Sinalização, sem poder explosivo.

Como resultado de toda a nossa correspondência através de canais oficiais e não oficiais, chegamos à seguinte decisão e demos a conhecer ao presidente dos EUA. Dissemos que falaríamos publicamente e insistiríamos no seguinte: para evitar um conflito militar, estávamos estabelecendo a condição de que o Presidente Kennedy deve assumir o compromisso de não invadir Cuba se retirarmos nossos mísseis e outras armas e equipamentos, exceto as armas convencionais. Os próprios americanos não exigiram que retirássemos as armas convencionais. (Khrushchev, 2007, p. 341)

Figura 8 – Destroços da aeronave espia U-2 cercada por populares cubanos



Fonte: Gribkov, 2007.

Em que pese a questão da retirada dos mísseis na Turquia não ter entrado no acordo, Kennedy teria decidido retirá-los, assim como os desdobrados na Itália, mas apenas porque eles já eram considerados obsoletos (Duncan; Stein, 2021).

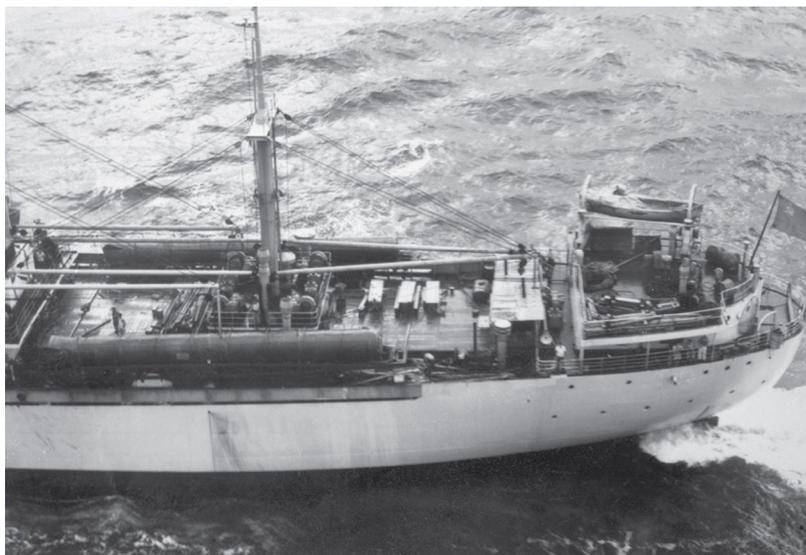
Para alívio de toda a humanidade, a crise se encerrava com um acordo informal. Exceto para Fidel Castro, que por um longo tempo qualificara a atitude de Khrushchev como uma derrota, pois não se conformara com a perda do arsenal nuclear instalado em seu país. Numa carta endereçada à Khrushchev, Fidel declarava:

Inúmeros olhos de homens cubanos e soviéticos que estavam dispostos a morrer com suprema dignidade derramaram lágrimas ao saber da surpreendente, repentina e praticamente incondicional decisão de retirar as armas. (Duncan; Stein, 2021, p. 100)

A Organização das Nações Unidas (ONU) teria solicitado que inspetores da organização inspecionassem a completa retirada das armas nucleares de Cuba, o que foi negado por Fidel Castro. Os russos comunicaram aos norte-americanos que colocariam os mísseis nos conveses dos navios, de forma que pudessem ser fotografados pelos meios de vigilância dos EUA, o que foi realizado.

No dia 9 de novembro de 1962, o último navio transportando os mísseis nucleares deixava a ilha de Cuba (Duncan; Stein, 2021).

Figura 9 – Último carregamento de mísseis soviéticos deixa Cuba em direção à URSS



Fonte: Duncan; Stein, 2021, p. 82.

8 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, pudemos observar as ações desenvolvidas pela URSS para tentar conter uma ameaça de invasão norte-americana contra o regime comunista de Cuba, mas que buscava também estabelecer um melhor posicionamento de seus mísseis balísticos em relação ao seu alvo prioritário, os EUA.

Para tal, a URSS planejou e executou a Operação Anadyr, que pode ser apontada como a maior, mais complexa e talvez a única operação real de caráter nuclear estratégica jamais realizada. Nada com tal dimensão havia sido tentado antes e é muito provável que nunca venha a se repetir. Nas condições atuais, os meios de sensoriamento remoto espaciais altamente sofisticados, que se acham disponíveis pelas grandes potências, certamente denunciariam um deslocamento estratégico de tal envergadura.

Constatamos que o envio do Grupo de Forças Soviéticas para Cuba efetivamente se mostrou um desafio gigantesco. Mas, o deslocamento das tropas previstas no planejamento da Anadyr também teve uma outra característica: envolveu o maior desdobramento de forças extracontinentais nas Américas, desde o estabelecimento da Doutrina Monroe pelos EUA. E não menos relevante, conduzindo um arsenal nuclear formidável.

Observamos que o processo decisório soviético que levou ao acionamento da Operação Anadyr foi muito influenciado pela visão pessoal de Khrushchev, que pesou as ameaças e riscos de forma muito individual. Isso demonstra o elevado o risco envolvido na decisão de emprego de armas nucleares num país autoritário. E hoje, o mundo conta com alguns, como a Coreia do Norte, muito mais autoritários do que fora a própria URSS. No caso em questão, a autorização prévia concedida por Khrushchev para que o comandante militar russo no terreno pudesse decidir sobre o emprego de armas nucleares táticas teria sido absolutamente temerária.

A operação foi executada com elevadas dificuldades operacionais e logísticas devido ao desafio inédito de transportar ogivas e mísseis nucleares a tão longas distâncias, guarnecidas por 44 mil homens, assim como grande quantidade de armas convencionais.

Nesse sentido, pudemos observar que o desdobramento do Grupo de Forças Soviéticas em Cuba não teria ocorrido sem desacertos e dificuldades de toda a ordem, uma vez que a decisão em adotar um grau máximo de sigilo implicou numa dificuldade imensa para a coordenação em todos os níveis.

No campo diplomático, as negociações com o regime cubano foram sensíveis e demonstram que a formação de uma aliança para defesa coletiva nem sempre é algo simples de ser implementado. O desfecho pacífico da crise não foi bem recebido por Fidel Castro, deixando algumas marcas no seu relacionamento com a URSS.

Do lado norte-americano, também há muitas lições. Considerando que o gigantesco deslocamento estratégico do Grupo de Forças Soviéticas fora iniciado em 12 de julho de 1962, e que ele somente teria sido detectado pela inteligência norte-americana no dia 14 de outubro, observamos que o início do processo decisório da liderança norte-americana se mostrou absolutamente tardio e intempestivo para uma correta avaliação sobre os riscos envolvidos.

Mas mesmo quando a inteligência dos EUA identificou o deslocamento, as informações passadas para a liderança norte-americana se mostraram equivocadas. O total desconhecimento sobre a existência de sistemas de armas nucleares táticas e estratégicas russas em estado de prontidão operacional em solo cubano, naqueles dias de outubro de 1962, constituiu uma das maiores falhas conhecidas do sistema de inteligência dos EUA, pois envolvia uma ameaça existencial ao país.

Tal desconhecimento levou a avaliações e indicações que se mostravam incorretas ao não considerar a existência de armas nucleares táticas em solo cubano. Uma outra avaliação incorreta foi sobre o efetivo soviético desdobrado em Cuba, que na verdade era quatro vezes maior do que havia sido informado ao presidente Kennedy.

Uma sucessão de ações baseadas em avaliações equivocadas, de ambos os lados, atingiu seu ápice no fatídico dia 27 de outubro de 1962, quando diversos incidentes gravíssimos passaram a colocar frente a frente meios com capacidades nucleares dos EUA e da URSS. O ataque a um submarino nuclear soviético, pelos EUA, e a derrubada do avião U-2, pelos russos, constituíram ações no limiar da guerra.

Tudo poderia ter tido um desfecho trágico para a humanidade, não fossem os entendimentos diretos estabelecidos entre Kennedy e Khrushchev. Kennedy discordou dos pareceres de seus principais assessores militares, que pressionavam por um ataque aéreo massivo contra a ilha cubana. Entretanto, ele apostou todas as fichas numa solução baseada na negociação e no contato pessoal com o seu contraparte soviético. Isso demonstrou claramente que, numa crise similar, a decisão precisa permanecer no nível político mais elevado.

Avaliando a conjuntura em geral, e a guerra da Ucrânia em particular, observamos alguns pontos preocupantes: as lideranças globais têm deixado de lado a negociação em mais alto nível, a diplomacia se encontra paralisada e o Conselho de Segurança das Nações Unidas se mostra inativo.

Aparentemente, o mundo já se confronta com uma crise bastante relevante para gerenciar. Mas, de acordo com a afirmação de Narang e Sagan (2022), já citada neste trabalho, o que anda em falta é um processo de socialização dos principais líderes envolvidos.

Nesse sentido, as lições decorrentes das ações pessoais de Kennedy e Khrushchev no desenvolvimento da Operação Anadyr deveriam servir de exemplo a todos os governos nesses tempos de reconfiguração da ordem mundial. A recusa de líderes das potências nucleares em buscar entendimentos pessoais com suas contrapartes, nesses tempos difíceis, diferenciam grandemente o momento atual da crise cubana dos anos 1960.

Com isso, as decisões eventualmente deixam de estar sendo tomadas em decorrência de negociações no mais alto nível, conforme demandaria uma situação que envolveria o destino da humanidade. Um gesto de ceder em seus interesses em prol do bem maior da paz poderia se mostrar essencial para estabelecer conexões perdidas e assim conter perigosas espirais de conflito. Kennedy e Khrushchev escolheram o caminho da negociação em 1962 para encerrar um impasse decorrente da Operação Anadyr. Infelizmente, não é o que se vê nessa crise ucraniana.

REFERÊNCIAS

- ALLISON, G.; ZELIKOW, P. **Essence of Decision**: Explaining the Cuban Missile Crisis. 2. ed. New York: Longman, 1999.
- BURLOV, A. M. Privedenie Raketno Polka V Boevuiu Gotovnost'. *In*: YESIN, V. I. (ed.). **Ctrategicheskaiia Operatsiia Anadyr**: Kak éto Bylo. Moskva: Moovvik, 2007. p. 148-158.
- BUTSIKIY, A. S. Rabota Glavnogo Schtaba RVSN V Period Podgotovki I Provedeniya Operacii Anadyr. *In*: YESIN, V. I. (ed.). **Ctrategicheskaiia Operatsiia Anadyr**: Kak éto Bylo. Moskva: Moovvik, 2007. p. 81-87.
- DUNCAN, T. K.; STEIN, C. R. **Thirteen Days of Tension**. New York: Rosen Publishing, 2021.
- GRIBKOV, A. I. Razrabotka Zamysla I Osuchestvlenie Operacii Anadyr. *In*: YESIN, V. I. (ed.). **Ctrategicheskaiia Operatsiia Anadyr**: Kak éto Bylo. Moskva: Moovvik, 2007. p. 37-68.
- KENNEDY, R. F. **13 Days**: The Cuban Missile Crisis. New York: Macmillan, 1969.
- KHRUSHCHEV, S. (ed.). **Memoirs of Nikita Khrushchev**: Statesman. Pennsylvania: The Pennsylvania State University, 2007. v. 3.
- NARANG, V.; SAGAN, S. D. (ed.). **The Fragile Balance of Terror**: Deterrence in the New Nuclear Age. New York: Cornell University Press, 2022.
- OBERDORFER, D. Cuban Missile Crisis More Volatile than Thought. **The Washington Post**, Washington, DC, 14 jan. 1992. Disponível em: <https://shre.ink/ke6G>. Acesso em: 23 abr. 2023.
- PLOKHY, S. **Nuclear Folly**: A History of the Cuban Missile Crisis. New York: Norton & Company, 2021.
- RASENBERGER, J. **The Brilliant Disaster**: JFK, Castro, and America's Doomed Invasion of Cuba's Bay of Pigs. New York: Scribner, 2012.
- ROSSIISKAIA FEDERATSIA. Ministerstvo Oborony. **Operatsiia Anadyr'. Entsiklopediia Ministerstva Oborony**. Moskva: Ministerstvo Oborony, 2023. Disponível em: <https://shre.ink/QFkG>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- STACENKO, I. D. Operaciia Anadyr V Dokumentah. *In*: YESIN, Viktor Ivanovich (ed.). **Ctrategicheskaiia Operatsiia Anadyr**: Kak éto Bylo. Moskva: Moovvik, 2007. p. 337-345.

UNITED STATES OF AMERICA. Central Intelligence Agency. **Clandestine Services History: Record of Paramilitary Actions Against the Castro Government of Cuba.** Langley. Washington, DC: Central Intelligence Agency, 5 mai. 1961. Disponível em: <https://shre.ink/klFK>. Acesso em: 23 abr. 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Office of the Secretary of Defense. **The Cuba Project.** Washington, DC: Secretary of Defense, 1962a. Disponível em: <https://shre.ink/klq>. Acesso em: 23 abr. 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. Office of the Secretary of Defense. **Memorandum of Conversation: Turkish Delegation Ministerial Meeting.** Washington, DC: Secretary of Defense, 1962b. Disponível em: <https://shre.ink/QCra>. Acesso em: 24 abr. 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. The Joint Chiefs of Staff. **Memorandum for the Secretary of Defense: Justification for US Military Intervention in Cuba.** Washington, DC: The Joint Chiefs of Staff, 1962c. Disponível em: <https://shre.ink/kalb>. Acesso em: 23 abr. 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. The Joint Chiefs of Staff. **Notes Taken from Transcripts of Meetings: Dealing with the Cuban Missile Crisis.** Washington, DC: The Joint Chiefs of Staff, 1962d. Disponível em: <https://shre.ink/ksHt>. Acesso em: 23 abr. 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. The Joint Chiefs of Staff. **Talking Paper for the Joint Chiefs of Staff: Exercise for Forces assigned to CINCLANT for OPLAN 316-62.** Washington, DC: The Joint Chiefs of Staff, 1962e. Disponível em: <https://shre.ink/kXeA>. Acesso em: 23 abr. 2023.

UNITED STATES OF AMERICA. The White House. **A Program of Covert Actions Against the Castro Regime.** Washington, DC: The White House, 16 mar. 1960. Disponível em: <https://shre.ink/klze>. Acesso em: 23 abr. 2023.

YESIN, V. I. (ed.). **Strategicheskaya Operatsiya Anadyr: Kak éto Bylo.** Moskva: Moovik, 2007a.

YESIN, V. I. Utchastie Raketnyh Voisk Strategicheskovo Naznatcheniya V Operatsii Anadyr I Provedeniya Operatsii Anadyr. *In*: YESIN, V. I. (ed.). **Strategicheskaya Operatsiya Anadyr: Kak éto Bylo.** Moskva: Moovik, 2007b. p. 70-80.

